

A DIVINA LAURA D'ALÉM MAR!

Nas minhas andanças pela Italiápolis encontrei um trabalho que imagino não tenha sido publicado. Trata-se de pesquisa minuciosa de acontecimentos e costumes num longo calendário sobre a vida da cidade.

Não me cabe avaliá-lo, mas o trabalho traz os nomes de seus autores. Não os conheço, o que não me impede de admirá-los e citá-los seria uma obrigação, um sinal de respeito aos jovens que em 1976 caminharam pelas difíceis trilhas do Paes Leme Junior.

Foram eles os colegiais João Domingos Talon, Antonio Alfredo Camargo, Jussara Dilzia dos Santos, Estela Donisete Zucchi Sene, Rosely Picasso, Maria Aparecida Ravagnani, Nair Aparecida Manginelli e Maria Bernadete Camargo.

Os apontamentos de "Itápolis em Dados, 1.976" não trazem o nome do professor orientador, contudo saberá ele um dia da nossa admiração.

Foi justamente no meio desses dados pesquisados que encontrei a figura do poeta José Alves de Oliveira, um

sensitivo nascido em São Carlos do Pinhal e aqui falecido em 1.915.

Interessei-me por este José e casualmente encontrei com a sua fantosa "Laura que na verdade foi uma jovem são-carlense de nome Mafalda", plena de encantos, pudor e do deleite sexual. O contraste entre ambos lembraria o Nu diante do artista pintor.

O José Alves sofreu do mau dos poetas e como todo sensitivo fugia do mundo buscando viver os seus próprios céus e infernos. Todo poeta vive a procura de liames depressivos, sonhando acordado, criando imagens que somente a depressão lhe pode oferecer. Depressão é um sublime estado d'alma.

Lendo seus versos, os seus escritos como jornalista, entramos numa freqüência pesada, quase fictícia como a do sulista Cruz e Souza, o mulato que fez da poesia a sua própria psicoterapia. Entre o José Alves e a sua Laura havia uma lacuna sem fim.

A Laura foi a total inspiração do José, a deusa de nádegas firmes e seios fortes, cintura convidativa e leveza no andar. O leitor sente ao tatear os manuscritos, a própria criatura entre as mãos, o seu calor, a umidade de um amor que não se concretizou.

Dispondo disso tudo ou mais, o nosso José Alves não a percebeu, não a desejou senão como a sua Laura. O poeta via a musa, não como inquieta e fervorosa mulher, mas uma silhueta de madona proibida, impedida de ser tocada.

Abençoado amor platônico. Os poetas são castos, vivem à margem dos gozos materiais, se alimentam de imaginários ideais, de figuras pensadas de modo quase assexuado. O José não foi diferente, porém a Laura, em contrapartida, foi puro sexo.

Como um balão sendo insuflado, a Laura via o José em “autópsias mentais e dele namorava o que ele, dela, mais escondia”.

Chegou, o atrevido casal, a caminhar pela Av. São Carlos do Pinhal e pelas imediações da Igreja Matriz, oportunidades em que o José colocava a sua amada nas nuvens mais brancas, a dispendo nos braços do vento, a conduzindo por versos os mais doces.

A Laura, contudo, sangue italiano, desejava o parceiro de baixo para cima e o romance foi para um fim surpreendente.

Naquela noite, véspera de Natal, a decantada Laura do José, tocada pelo 'nascimento do Menino Deus', resolveu dar um basta à frieza do companheiro. Cansara de ler poesia, desejava algo mais consistente.

Sentados num banco, antes mesmo da Missa do Galo, na penumbra de uma árvore virgem e frondosa, ironicamente Laura disse ao José.

--- Nada tenho a lhe oferecer, apenas a ignorância de uma caipira imigrante. Sinto muito, estou lhe deixando pra nunca mais...

--- Sim!

O José empalideceu, quietou-se como se a sua alma sangrasses todo o silêncio daquele Céu de Natal.

Diante da mudez do enamorado, calmamente, a jovem reafirmou a sua decisão.

--- Ouça José Alves, ouça bem! Estou lhe deixando pro resto da vida. Você como homem não cheira e não fede, é um sem sal sem açúcar. Tenho pretendente e vou me casar. Não agüento mais dormir sozinha. O meu viver é um tormento.

--- Pois sim!

O cavalheiro sonhador, diante das colocações pruridas de sua Laura, perdeu a fala. O inesperado aconteceu diante de seus olhos, o fim de tão ternas queixas se concretizava.

A maneira italiana, não desejando ser indelicada abandonando o poeta no banco rústico de pau-bálsamo, a Laura, delicadamente, abriu a blusa, soltou o seu corpete e entregou-lhe o seio dizendo --- mama!... É o meu presente de Natal!

O caboclo José Alves de Oliveira foi um ótimo colaborador da vida escolar de Italiápolis e aqui participou da fundação do jornal 'O Republicano', um semanário de vida curta como curta foi a sua vida.

As características afetivas do humano, comprovadamente, não se assemelham como pensa a nossa vã Antropologia. Alguns gostam dos olhos, porém a maioria, da remela.